



Madalena Santos
Reinbold

Biografia

Madalena Santos Reinbold

1919, Vitória da Conquista - BA / 1977, Petrópolis - RJ

Dos tapetes de Madalena Santos Reinbold podemos dizer o mesmo que da tapeçaria de Bayeux, executada na cidade do mesmo nome, em 1255: constituem antes um tecido ornamentado, obra de bordado, porque feitos com agulha, e não no tear. E Madalena trabalhava os seus “quadros de lã” com 154 agulhas, que levava uma hora para enfiar, de diversas cores. Ela queria ter as cores à mão, como uma paleta, para usa-las à maneira de pinceladas sobre a estopa ou talagarça. A agulha tornava-se dessa forma um prolongamento da mão, como o pincel na pintura. Foi assim obtida a movimentada superfície dos seus tapetes, dinamizada pela orientação versátil imprimida às fiadas de pontos. A sua necessidade de avolumar texturas traduz-se na aplicação de pequenos aglomerados de malha ou linha, em diferentes relevos, que se entretecem com uniformidade ao bordado de lã, e que são aplicados, em particular, à folhagem das árvores. Essa textura inédita e o dinamismo cromático alcançam seu melhor resultado quando ela borda sobre estopa – quase a totalidade dos seus trabalhos tem esse suporte. A trama irregular e flexível da estopa não condiciona o direcionamento dos pontos da agulha e se adequa perfeitamente ao ímpeto expressionista do trabalho de Madalena. Sua obra está povoada de longas reminiscências rurais, verdadeiras “aetas áurea”, que irão constituir

os temas preferenciais tanto dos seus “quadros de tinra”, começados cerca de 1950, como dos seus “quadros de lã”, cuja produção data de 1969. A vida agropastoril do interior baiano é a grande tônica da representação plástica de Madalena, como se constata de seus comentários sobre as obras. Dizendo “ter a cabeça cheia de planetas”, Madalena escreveu o mundo com suas figuras bordadas. Astros, Sol, Lua, estrelas. Pássaros variadíssimos, de que ela conhecia as minúcias plumárias e a clave onomatopaica com uma intimidade verdadeiramente sertaneja. Fauna variadíssima: bois, carneiros, elefantes, onças, macacos. Presença e germinação vegetal de diversificadíssimas forma e textura. Homens e mulheres amalgados ao grande fuso intemporal e cósmico da sua gênese imaginativa. Os dados culturais colhidos pela artista estão contidos nessa veemente florescência cosmogônica. Desde as estórias místicas, do tempo em que os bichos falavam e os macacos ensinaram a matar a fome com os frutos da Árvore do Pai Bié, ao catolicismo, à visão de mundo tocada pelos novos meios de comunicação e pela vida dos grandes centros urbanos. Da soma dessas experiência surgiu a sua criação, que nos faz concluir com Bachelard que “para uma vida decididamente mítica não há deus subalternos” na arte. Madalena nasceu em pequena fazenda de Vitória da Conquista, na Bahia. Deixou sua cidade por volta dos 20 anos de idade para trabalhar como empregada doméstica em Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Petrópolis, até a sua morte em 1977. Foi estimulada a pintar por sua empregadora, Lota Macedo Soares, de quem foi caseira em Petrópolis.

Fonte: Pequeno Dicionário do Povo Brasileiro, século XX I Lélia Coelho Frota – Aeroplano, 2005



Vídeo de Madalena dos Santos Reinbolt por Sesc Jundiaí

[Clique Aqui](#)

Exposições Individuais

2022 "Madalena Santos Reinbolt: Uma cabeça cheia de planetas", MASP, São Paulo – SP | Brasil

Exposições Coletivas:

2023 REVERSOS & TRANSVERSOS: artistas fora do eixo (e amigos) nas bienais, Galeria Estação, São Paulo – SP, Brasil

2021-2022 Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros, Instituto Moreira Salles (IMS Paulista), São Paulo

2021-2022 3 Frestas, Trienal das Artes, SESC Sorocaba, São Paulo

2021 Terra e Temperatura, Almeida e Dale, São Paulo, SP, Brasil

2020 Mulheres na Arte Popular, Galeria Estação, São Paulo

2006-2007 Viva Cultura Viva do Povo Brasileiro, Museu Afro Brasil, São Paulo, SP, Brasil

2000 Arte Popular: Mostra do Redescobrimento, Fundação Bienal de São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, São Paulo, SP

1991 A Mata, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP), São Paulo, SP, Brasil

Coleção Pública:

Museu Afro Brasil, São Paulo

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo

Publicações Selecionadas:

2005 Pequeno Dicionário da arte do povo brasileiro século XX, Léila Coelho Frota, Rio de Janeiro

2000 Arte Popular: Mostra do Redescobrimento, Fundação Bienal de São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, São Paulo, SP

1988 A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica/ Emanuel Araújo, Tenenge, São Paulo

1978 Mitopoética de 9 artistas brasileiros: vida, verdade e obra, Léila Coelho Frota, Funarte, Rio de Janeiro, RJ

Exposições

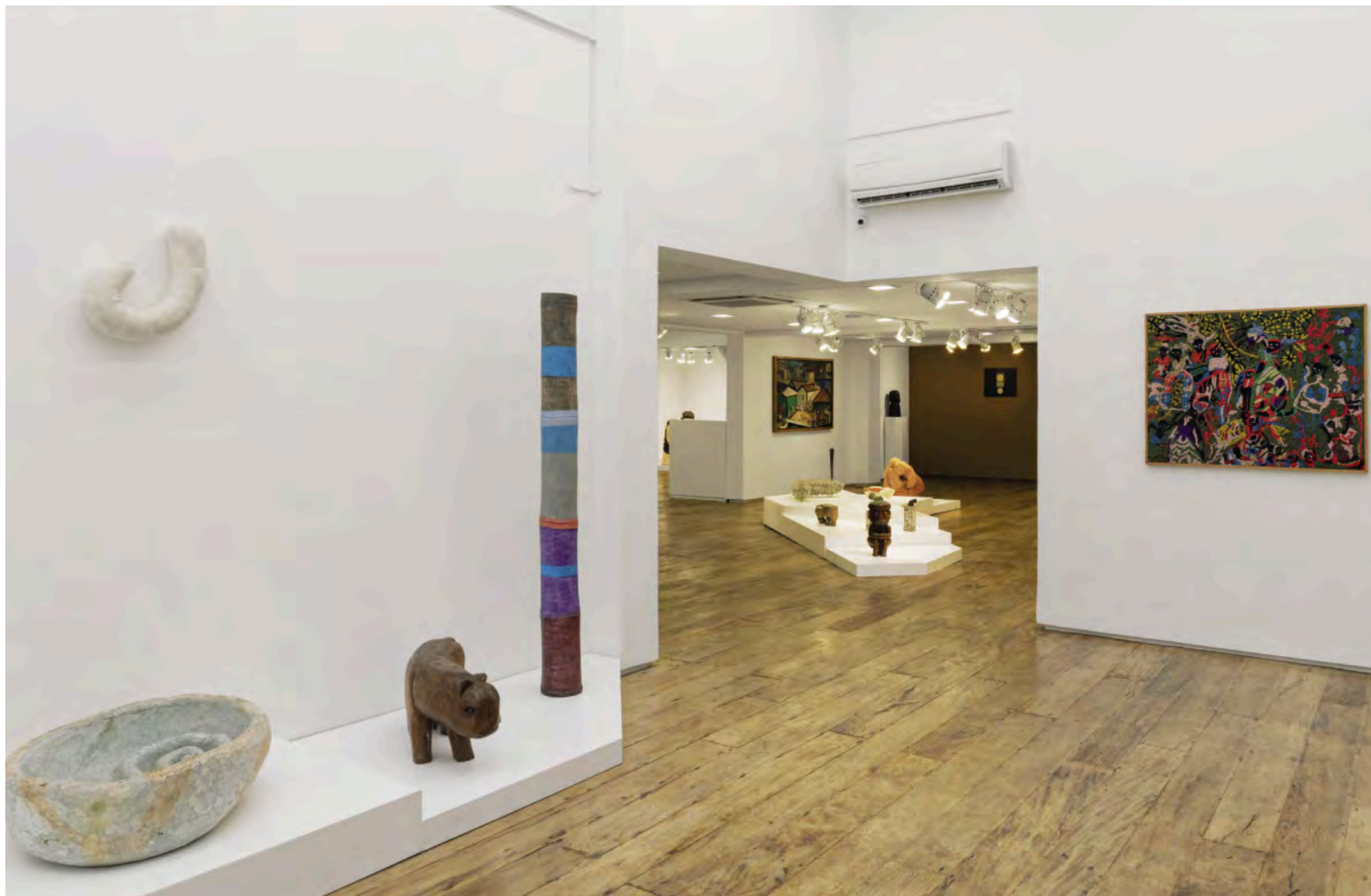


2021-2022 Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros,
Instituto Moreira Salles (IMS Paulista), São Paulo



2021-2022 3 Frestas, Trienal das Artes, SESC Sorocaba, São Paulo





2021 Terra e Temperatura, Almeida e Dale, São Paulo, SP, Brasil



2020 Mulheres na Arte Popular, Galeria Estação, São Paulo

Obras



Sem título,
Tapeçaria
83 x 114 cm | 32,68 x 44,88 in

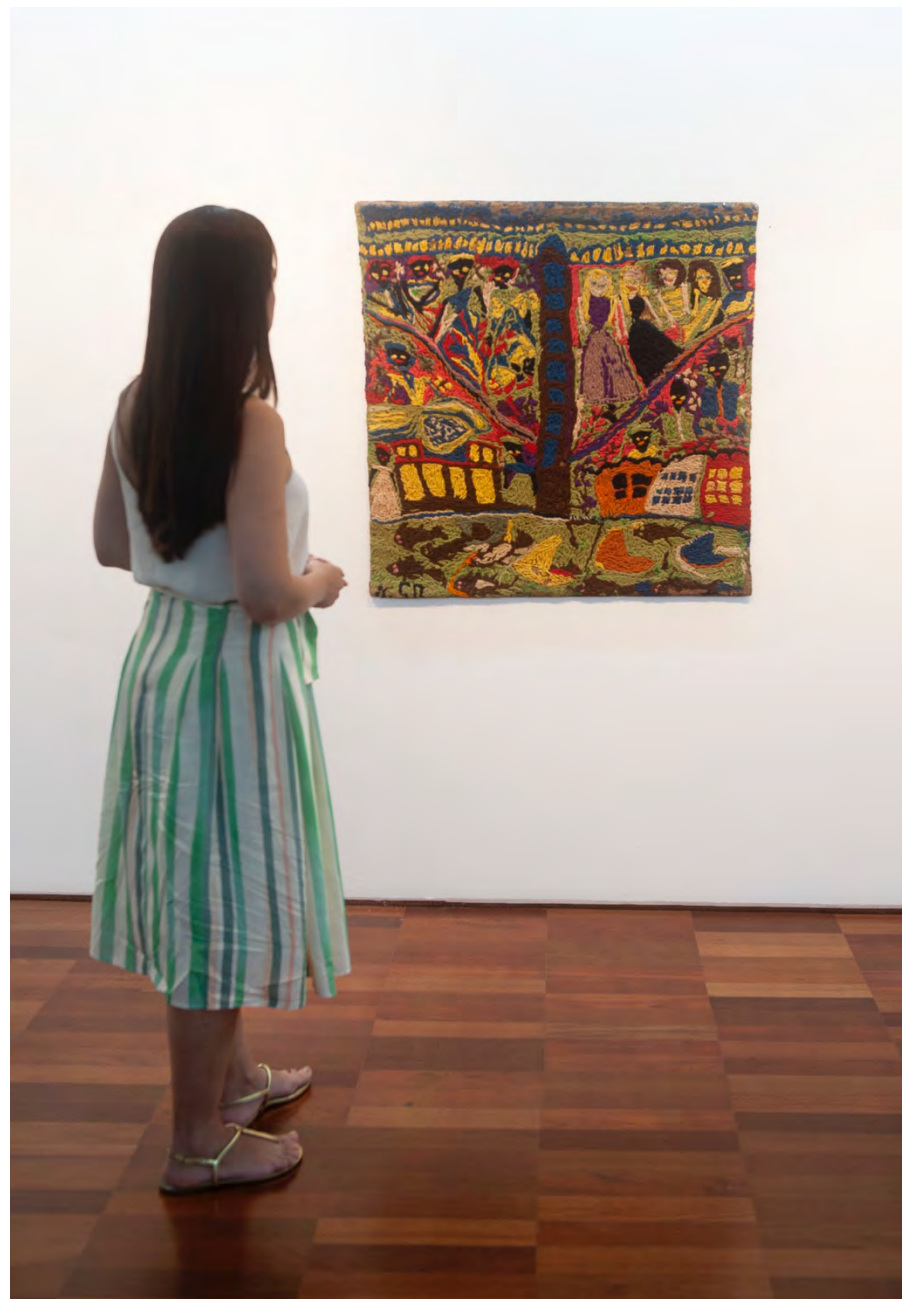






Sem título,
Tapeçaria
92 x 90 cm | 32,22 x 35,43 in

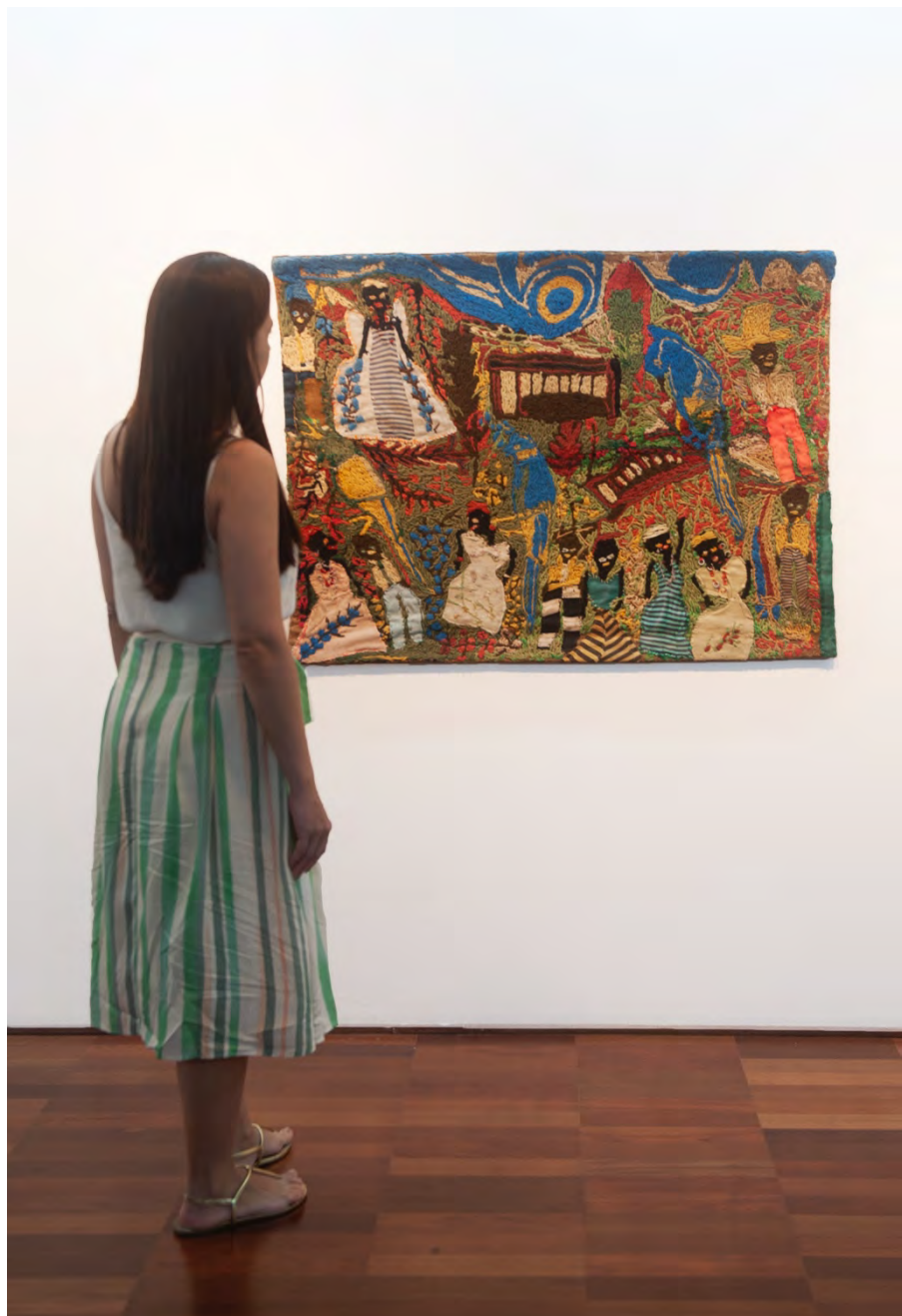






Sem título,
Tapeçaria
86 x 117 cm | 33,86 x 46,06 in





Com um acervo entre os mais importantes do país, a Galeria Estação, inaugurada no final de 2004, consagrou-se por revelar e promover a produção de arte brasileira não erudita. A galeria foi responsável pela inclusão desta linguagem na cena artística contemporânea, ao editar publicações e realizar exposições individuais e coletivas dentro e fora do País.

A Galeria Estação trabalha com obras de conhecidos autodidatas oriundos de várias regiões do Brasil, como Agostinho Batista de Freitas, Alcides dos Santos, Amadeo Luciano Lorenzato, Artur Pereira, Aurelino dos Santos, Chico Tabibuia, Cícero Alves dos Santos-Véio, G.T.O, Gilvan Samico, Itamar Julião, João Cosmo Felix-Nino, José Antônio da Silva, José Bezerra, Manuel Graciano, Maria Auxiliadora, Mirian Inês da Silva, Neves Torres, entre outros.

Atualmente a galeria vem incorporando ao seu elenco artistas pertencentes ao circuito artístico contemporâneo cujas obras dialogam com a criação não erudita, como André Ricardo, José Bernnô, Julio Villani, Germana Monte-Mór, Moisés Patrício e Santídio Pereira.

Partindo desta rara competência, o espaço consegue oferecer um panorama histórico e atual de uma produção que ultrapassou os limites da arte popular, ao mesmo tempo em que investiga nomes que, independentemente da formação, trabalham com elementos da mesma fonte.

Galeria Estação

Rua Ferreira de Araújo, 625 – Pinheiros – fone: (11) 3813-7253 De segunda a sexta, das 11h às 19h, sábado das 11h às 15h

www.galeriaestacao.com.br

contato@galeriaestacao.com.br